



Educação líquida

Mila Chiovatto

Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Avançar pelos espaços de um museu é um prazer, mas um prazer que se compromete com uma responsabilidade: a de vislumbrar entre os caminhos pedaços de histórias, fragmentos de encantamento, mundos de imaginação, em uma palavra: experiências.

Experiências são vivências subjetivas, significadas por quem as experiencia.

A experiência ao nos passar, nos forma e nos transforma. Assim, o “saber da experiência” é o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal¹.

Em relação aos museus, alterar a compreensão acerca do conhecimento como algo de caráter subjetivo, em constante construção compartilhada, implica numa alteração da função desta instituição, não mais acreditando nela como uma emanadora de verdades únicas, inquestionáveis, absolutas e autoritárias; mas compreendendo-a como um espaço de “negociação de sentidos”².

A partir desta outra posição, os processos de mediação em museus enfrentam enormes desafios, pois além de construção de conhecimento negociado e compartilhado,

¹ LARROSA, Jorge. "Notas sobre a experiência e o saber da experiência". Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, jan./abr. 2002. Pg. 20 a 28

² HOOPER-GREENHILL, Eilean, *The Educational Role of the Museum* (Second edition), Routledge, 1999.

devem atentar para a variedade de públicos que compõe o que se chama de “visitante em geral”, e também para a imediatez das estratégias utilizadas na prática educativa cotidiana dos museus.

A soma desses desafios nos levou a propor o termo educação líquida que tenta pensar mais profundamente sobre a maneira com que entendemos o processo educativo em artes no museu.

A metáfora da liquidez tem sido utilizada atualmente em diferentes áreas de conhecimento como arquitetura, psicologia e sociologia para designar diferenças estruturais da contemporaneidade em relação às concepções modernas³.

De maneira geral, as metáforas de liquidez são utilizadas em oposição à percepção da modernidade como herdeira do pensamento iluminista, no sentido de aferrar-se à categorização rígida de métodos e sistemas estruturais na percepção do mundo. Contemporaneamente, ao contrário, parece haver uma interpenetração das categorias rígidas, de forma a garantir mais fluidez e dinamicidade dos sistemas antes rígidos. Por exemplo: as estruturas rígidas da arquitetura física que se tornam fluidas e dinâmicas no meio virtual; ou as estruturas sociais como a família, os relacionamentos, entre outros, que atualmente necessitam de redefinição em virtude do afrouxamento das estruturas que anteriormente as definiam⁴.

Embora as idéias pregadas pela “modernidade líquida” pareçam um tanto pessimistas em relação à nova configuração, conferindo aspectos eminentemente negativos aos processos fluidos das estruturas moles da contemporaneidade, talvez por lamentar a perda da solidez conferida pelas estruturas conhecidas⁵, acredito ser possível perceber essas características, quando aplicadas ao território da educação, a partir de outro ponto de vista, mais positivo e mais poético, uma vez que o próprio Bauman

³ Parte deste texto foi extraído do capítulo CHIOVATTO, Mila Milene. Pinacoteca e educação: uma relação fecunda, com a colaboração de Gabriela Aidar. Pinacoteca 100 Anos. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2007

⁴ Para aprofundar esta reflexão sugerimos os seguintes títulos e autores: Marcos Novak para compreender as novas estruturas arquitetônicas no campo da virtualidade e Zygmunt Bauman em seu livro Modernidade Líquida no qual defende que a modernidade imediata é “leve”, “líquida”, “fluida” e infinitamente mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou. A passagem de uma a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana, tornando-se necessário repensar os conceitos e esquemas cognitivos usados para descrever a experiência individual e da humanidade. BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

⁵ Julian Webb, por exemplo, desenvolve a idéia de educação líquida ('liquid education') como caracterizada pela internacionalização, massificação, explosão do conhecimento, performatividade, produção de incerteza moral, transformação de identidades acadêmicas. Disponível no site: <http://zeugma.typepad.com/zeugma/2009/06/0%C3%B1ati-workshop-on-legal-education.html>.

também confere ao líquido alguns sentidos de positividade relacionados à sua maleabilidade, possibilidade de novas articulações, adaptabilidade, leveza etc.

Assim, a idéia de liquidez pode ser associada à de fluidez, do que é inapreensível, do que escorre e escapa, da imprevisibilidade e mudança constantes. Aquilo que preenche as frestas, se solve com outras substâncias, corre ou simplesmente passa, assumindo diferentes velocidades e destinos. Como metáfora, nas práticas educativas, evoca o que é móvel, maleável, brando, podendo significar aquilo que é um constante vir a ser, nunca fechado, completo ou definitivo; constituindo-se como ato eternamente projetivo, sem fixar-se no conforto e na conformação (no sentido de resignar-se) da solidez das verdades preestabelecidas.

O termo Educação líquida trata, portanto, de enaltecer as características de rearticulação constante e de transformação a partir de uma situação dada que a água - “líquido universal” - assume ao, por exemplo, desviar de obstáculos, ou – melhor ainda - ao assumir um curso que se revela menos doloroso, aquele que oferece menor resistência, garantindo sua potência e força de fluidez. Também ressalta sua adaptabilidade na característica de se conformar (no sentido de assumir uma determinada forma, harmonizar-se) com outra que não é especificamente sua, mas aquela que é dada por seu continente⁶. Assim, no campo da educação significaria construir o processo educativo em ressonância e constante diálogo às potencialidades dos indivíduos ou grupos; mais ainda, pressupõe a valorização de sua imprevisibilidade e de seu caráter fugidio⁷. É necessário perceber, contudo, que a opção pela fluidez das estruturas, longe de ser uma opção fácil, implica na responsabilidade de dominar diferentes estratégias e conteúdos, e de utilizar da combinatória destes subsídios em resposta à variedade de demandas dos diferentes públicos, o que pressupõe um denso grau de comprometimento e discernimento, além de constante reflexão sobre a própria prática educativa, durante seu processo.

⁶ Faz-se necessária aqui a distinção entre a percepção do aprendiz como um “recipiente” que apenas recebe informações, para a percepção do aprendiz como modelador de seu próprio processo formativo, ao determinar por suas características, a forma, conteúdos, dinâmicas e estruturas que seus processos educativos particulares devem ter.

⁷ Sobre o assunto, consultar Zygmunt bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000200016&script=sci_arttext

No processo de educação em museus, esta concepção pode assumir as características da impossibilidade de se aferrar a determinado método, circuito e/ou conteúdo a priori, uma vez que será necessário reconstruir, ou ao menos reconfigurar estes pressupostos, enquanto se desenvolve o diálogo com o público. O que gostariam de ver? O que os motivou a visitarem o museu? O que os interessa? O que pensam acerca da arte? E do museu? Para que pensam servir esta visita? etc. Para atuar desta maneira e propiciar esta consistência e consciência, além do prazer em atuar como educador de museu, da maturidade em reconhecer a responsabilidade implicada nesta prática e de formação universitária básica é necessário que o profissional desta área esteja atento aos pontos de conexão entre o público, as obras e a instituição, aos debates do meio, incluindo formações complementares como seminários, congressos e reuniões; além de ter um perfil de pesquisador que o estimule à constante leitura, reflexão e debates sobre os temas de sua prática.

Na proposição da educação líquida, tal como a encaramos, as ações buscam diferentes métodos, sistemas e conteúdos em resposta e construção dialógica às especificidades de cada perfil de público atendido e da multiplicidade de apelos e interesses que surgem no espaço-tempo desta prática, considerando os âmbitos cognitivo, perceptivo, interpretativo, estético, subjetivo, multicultural, etc. dos diferentes públicos e obras mediadas. Além disso, busca ser um processo educativo que no mais das vezes acontece em um tempo que parece externo ao tempo da vida cotidiana e em espaços não-fixos, como no caso do museu, em que o processo educativo incorpora o deslocamento do grupo pelo espaço repleto de informações sensoriais das salas de exposição – ou seja – organiza-se como fluxo a priori.

Como diz Elliot Eisner⁸, é possível compreender estrutura não como uma série rígida de objetivos e procedimentos, mas como um conjunto de relações coerentes entre componentes. É desta forma, estruturada, porém flexível que acreditamos ser possível desenvolver processos educativos de qualidade em arte no museu.

⁸ Estrutura e Mágica no Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org). Arte- educação: Leitura no subsolo. São Paulo: Ed. Cortez, 1997. pg.83-4.